

mudar  
a



vida

publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos

## EXPERIMENTAR • INOVAR • TRANSFORMAR

### BRECHAS

*Múltiplas são as vias de transformação social, desigual a sua eficácia.*

*Destruir as instituições, os códigos, as hierarquias para as substituir, rapidamente, pela sua sombra? Já tivemos ocasião de ver o que daí resulta: uma nova «religião», novos «notáveis», novas palavras de ordem. . .*

*Confiar ao Estado, seja ele liberal avançado ou socialista científico, o cuidado de «fazer» as mudanças e de as programar? Sabemos já que o poder atinge pouco o fundo das coisas, detesta a desordem, o marginal, o espontâneo. . .*

*Jogar no interior do sistema social, sobre as múltiplas brechas que se abrem nas aspirações, nos desejos, na percepção das necessidades e projectos individuais. . . Tal é a perspectiva que melhor nos parece corresponder à sensibilidade de hoje. Sensibilidade difusa em todo o corpo social, e não apenas nas camadas jovens. Recusa do encerramento no militantismo, com as suas ideologias; no jogo político, com os seus «programas» e a sua recuperação permanente; nos aparelhos e nos ritos institucionais. Desejo de*

*fuga e de deserção, mas também desejo de alternativas, de acção directa, de mudança de direcção do quotidiano.*

*Cessar de combater por uma causa (as causas rapidamente nos desgastam), não atacar frontalmente um sistema pesado (os sistemas acabam por nos integrar ou cilindrar. . . Antes penetrar o curso normal das coisas, fazer inflectir de alguns graus o funcionamento das máquinas sociais (práticas médicas, vida de bairro, animação cultural), experimentar novos modos de vida e novas formas de acção colectiva, que levem cada um a tomar a sua vida em mãos.*

*Tal é a utopia (ou antes a realidade) que começamos a encontrar por toda a parte na base, mas que a política se mostra ainda incapaz de compreender. Um borbulhar de grupos, de iniciativas locais. Uma sede de comunicação, de «inter-relações».*

Henry Dougier  
in «Innovations sociales»  
Autrement, 5/76

### O QUE É PRECISO MUDAR?

Face à necessidade de fazer avançar a procura de uma estratégia concreta, ao serviço de uma transformação social global que não seja exclusivamente referida ao Estado, há quatro tarefas que me aparecem como essenciais e susceptíveis de constituir pontos de convergência sólidos:

#### 1. DESENVOLVER NA SOCIEDADE ESPAÇOS DE LIBERDADE E INICIATIVA

A sociedade civil — lugar das relações económicas e sociais — está hoje asfixiada pelo Estado. Essa a razão por que são hoje tão poucas numerosas as tenta-

tivas de experimentação social. Não basta acusar a sociedade capitalista para justificar esta situação. Se as inovações sociais são mais numerosas nos Estados Unidos e nos Países Baixos do que na França, não é por estes países serem menos capitalistas: é, antes de mais, porque o Estado é aí menos omnipresente, permitindo que uma sociedade civil mais viva possa existir. Importa, pois, alargar esses espaços de criatividade social, em vez de os reduzir, e criar possibilidades para que um número cada vez maior de grupos e de colectividades possam desenvolver actividades autónomas de

formação, de serviço da colectividade, de comunicação, de organização da sua vida social.

O socialismo só tem sentido nesse movimento contínuo de expansão da iniciativa dos indivíduos e dos grupos. É aí que as aspirações de autonomia, em torno das quais se condensa o essencial das preocupações de numerosos novos movimentos sociais — movimento das mulheres, movimentos regionais ou movimentos ecologistas — poderão encontrar resposta.

## 2. REDUZIR O ESTADO E READAPTAR AS SUAS TAREFAS

Reconstruir a sociedade civil implica readaptar as tarefas do Estado. Isto quer dizer que não basta que o aparelho estatal descentralize algumas das suas prerrogativas, estendendo-as às colectividades locais ou regionais. É preciso reduzir e transformar esse mesmo aparelho. Ora isso não se fará sem dificuldades. Com efeito, o centralismo tornou-se, de há dois séculos para cá, o principal meio de garantir a igualdade de todos os cidadãos. É preciso ter a coragem de romper com essa visão que confunde a igualdade com a uniformidade.

A própria concepção de um sistema educativo concebido em termos nacionais é um triste exemplo da incapacidade da sociedade conceber a igualdade social fora dos espartilhos de pesados monopólios institucionais. É preciso ter a coragem de dizer que a escolha não está hoje apenas entre a gestão pública centralizada e a gestão privada, ávida de lucro. Existe uma outra via: a da iniciativa de colectividades «privadas», compostas por pessoas ou associações que não tenham outros objectivos senão os de prestarem um serviço a si próprias.

Desestatizar a sociedade é proporcionar a todos os que o desejam a possibilidade de se prestarem a si próprios os serviços «públicos» de que têm necessidade, garantindo-lhes como única base condições de igualdade financeira com os órgãos que o Estado continuará a gerir para todos os outros cidadãos.

## 3. REDEFINIR AS RELAÇÕES ENTRE O ESTADO E OS PARTIDOS POLÍTICOS

Os partidos encontram-se, no essencial, centrados sobre o Estado, procurando preservar ou conquistar o seu controlo. Por isso a sociedade política se confunde, hoje, com o Estado. Para que uma verdadeira sociedade política — lugar de debates e de escolhas colectivas — possa existir, os partidos terão que deixar de se identificar com o Estado. Actualmente os partidos políticos são incapazes de preencher esta função, na medida em que pretendem, simultaneamente, enquadrar os movimentos sociais, através de organizações de massa, e gerir o Estado. Ao definirem-se, pelo contrário, como agentes de articulação entre a sociedade política e o Estado, deixando aos movimentos sociais plena autonomia, os partidos políticos encontrarão uma força nova.

## 4. CONVERTER OS MILITANTES EM NOVOS EMPRESÁRIOS

O militante define-se, muitas vezes, como o agente de uma organização, ao serviço da qual ele organiza, canaliza e transmite as reivindicações sociais. Isto significa que ele desempenha um papel decisivo no reforço de um certo modelo de Estado. Uma soma considerável de energia social é, assim, confiscada à própria sociedade, em benefício de um modo de expressão das necessidades sociais que só pode conduzir a um impasse. Se essa energia fosse investida na construção e na experimentação social, ela constituiria um formidável meio de transformação social, fecundando o quotidiano de uma massa de «revoluções» imediatas. Numa palavra, os militantes políticos poderiam converter-se em novos «empresários» da transformação quotidiana da sociedade, em lugar de permanecerem apenas arautos de uma mudança que está para vir.

*Pierre Rosanvallon*  
in «L'Etat en état d'urgence»  
Nouvel Obs. n.º 670

## QUE PALAVRA?

*Que nos importa a nós, cavaleiros das terras frias, que o rei seja substituído pelo primeiro secretário ou o burguês pelo comissário? Perdoai-nos a pouca fé que temos: regressamos de terras distantes e já vimos demasiadas coisas.*

*Dizeis: «Conosco o povo comerá à saciedade». Se assim fôr, se verdadeiramente acabardes com a fome, seremos os primeiros a alegrar-nos. Porque sabemos o que é a fome; já passámos por ela. Na luta pelo pão, pela paz, pela liberdade, estaremos certamente na primeira linha.*

*Dizeis: «A cada um segundo as suas necessidades». De acordo. A divisa é também nossa. Mas quem conhece as nossas necessidades? Quem ousará vencer-me a mim do que são as minhas necessidades? Possivelmente nenhum de vós conhece o que me é necessário...*

*Quem pode saber de que é que o povo tem fome? De bifés de vaca, de coca-cola, de açúcar em pó, de um automóvel, de uma televisão? Quem sabe se de uma palavra... Mas que palavra?*

*Maurice Bellet*  
in «Le lieu du Combat»  
Desclée, 1976

## O LUGAR DA EXPERIMENTAÇÃO SOCIAL

Na confluência de práticas sociais nascentes e de intuições teóricas ainda balbuciantes, o tema da **experimentação** começa a abrir caminho. Caminho ainda pouco frequentado, é certo. Mas caminho que atrai um número crescente de militantes empenhados na procura de uma prática nova, especialmente os militantes que a si próprios se concebem como «empresários» de uma sociedade nova. Definir e pôr em prática alternativas concretas aos modelos institucionais tradicionais, tentar experiências novas que sejam portadoras de novas relações sociais — tais são as formas essenciais que assume a militância dos que já não se contentam com o combate político tradicional, quer porque o julgam insuficiente, quer porque se lhe tornaram totalmente indiferentes.

No borbulhar de múltiplas experiências — medicina de bairro, escolas novas, rádios livres, habitat comunitário, etc. — novas formas de vida social tentam vir à luz. Tentativas muitas vezes marginais, flutuantes, mas portadoras de futuro.

As resistências a vencer são, sem dúvida, numerosas: resistências administrativas, regulamentares, financeiras, institucionais. As que constituem, porém, um obstáculo mais forte são as resistências de ordem cultural. Trata-se de uma acção necessariamente desvalorizada, porque a «teoria» não pode deixar de lhe atribuir o estatuto de «reformista» ou de «marginal/utópica». Ora é impressionante ver até que ponto o medo da heterodoxia se pode tornar intimidante, acabando por se converter, pelo menos em certos casos, em obstáculo decisivo. Basta por vezes agitar a acusação de «recuperação» ou de «integração» para fazer recuar os militantes mais decididos. Quantas práticas cedem envergonhadas e quantos militantes se deixam culpabilizar só porque a teoria não dá certificado de «normalidade» às suas acções!

### PARA ALÉM DOS MODELOS TRADICIONAIS

O que está em causa é a concepção revolucionária clássica da transformação social. O social-estatismo constitui um obstáculo decisivo a uma prática política de experimentação, na medida em que veicula uma representação demasiado mecanicista e centralista da transformação social. Num tal quadro cultural, a experimentação não tem lugar e é automaticamente condenada a converter-se num instrumento reformista ou utopista.

Acontece, porém, que as representações sociais associadas ao centralismo e ao estatismo começa a

entrar em crise, a estalar pelas costuras, e isso torna possível a emergência de um novo pensamento sobre a transformação social. Enquanto o raciocínio se move no quadro de um tempo e de um espaço homogêneos, a única solução é instituir, pelo acto revolucionário, um novo tempo e um novo espaço. Quando o tempo e o espaço deixam de ser percebidos em termos homogêneos e totalitários, estão criadas as condições para que se possa desenvolver **uma estratégia de experimentação social** baseada sobre as contradições, os interstícios, as divisões e as falhas das instituições e das redes de relação que estruturam a sociedade. A experimentação pode assim produzir um «espaço diferencial», segundo a sugestiva expressão de Henri Lefèvre, para além das barreiras criadas pela separação «centro/margem» que nos servem hoje de referência. É precisamente nas fracturas e nas brechas desse espaço que alguma coisa de novo, de diferente, se poderá produzir. (...)

A estratégia de experimentação põe, assim, em questão as categorias dos pensamentos revolucionários tradicionais, na medida em que se enraíza em outras representações do tempo e do espaço. Ela, não pretende ser nem uma estratégia de reformas graduais nem uma estratégia de constituição de pequenas ilhas de socialismo. Inscreve-se nos lugares e nas contradições de um tempo e de um espaço dados, para neles produzir a inversão institucional e a subversão. É, simultaneamente, uma estratégia de luta e uma estratégia de construção do socialismo.

A oposição escolástica «reforma/revolução», a nova cultura política substitui a dialéctica produtiva «**experimentação/transformação da instituição**». Ela não nega a necessidade de conquista do Estado, mas torna manifesto que essa conquista só conduzirá à sua transformação e à redução das funções do seu aparelho, quando existir uma sociedade civil viva e empreendedora. A uma concepção uniforme e unificada do socialismo, opõe uma visão do socialismo como sociedade em construção, diversificada. Porque não é só na história concebida em termos de tempo que se jogam as rupturas e as mudanças; é também **no presente do espaço** — no seu coração e não na sua margem.

*P. Rosanvallon / P. Viveret  
in «Pour une nouvelle culture politiques»  
Seuil, 1977*

## DUAS VIAS

*Há duas vias:*

*A primeira não é uma via, porque nos conduz imediatamente ao centro, na ignorância do caminho.*

*A segunda também não é uma via, porque nada está traçado: é preciso inventar o caminho à medida que se vai avançando.*

*Maurice Bellet  
ibidem*

## ESPAÇOS PARA A QUESTÃO DE DEUS

«Pequenas comunidades», «grupos informais», criação de «colectivos» que permitam encontros maleáveis e pontuais... um conjunto de iniciativas que parecem ter traços comuns: a recusa das grandes instituições, o desejo de proporcionar a cada um a oportunidade de se fazer ouvir na sua particularidade, de se apropriar dos instrumentos do saber, de reencontrar a força do seu desejo e uma fé genuína, capaz de lhe restituir a sua capacidade criadora.

Criar espaços no interior das nossas instituições demasiado sobrecarregadas, lugares-sem-nome que põem em questão as nossas designações habituais, é, simultaneamente, operar uma ruptura no sistema de produção e consumo de objectos a que a sociedade nos condena.

Encerrados no círculo das necessidades, onde só o que é utilitário é considerado importante, arriscamos-nos a perder, pouco a pouco, o sentido da relação gratuita com o outro, com «qualquer coisa de diferente», não directamente útil.

Mesmo na cultura ou na religião, procuramos o que se pode consumir de forma imediata, o que traz resposta à nossa necessidade de saber ou de agir, mas não damos tempo para deixar emergir em nós o desejo mais fundamental subjacente à nossa procura individual e colectiva: «No fundo, o que desejamos? Porque fazemos isto e não aquilo? O que é que nos faz viver e nos anima? O que é que conta, para nós? Onde está o nosso tesouro, onde está o nosso coração? Que questões nos recusamos a ouvir? Que realidades nos recusamos a ver?»

Esta experiência, que abre o horizonte do nosso desejo, surpreende-nos por vezes, em momentos a que chamamos de «passagem pelo vazio» — «momentos críticos» que atingem quer os indivíduos, quer os

grupos sociais, quer mesmo uma cultura no seu conjunto. Mas podemos também fazê-la em tempos que consideramos «mortos» — tempos de paragem que escolhemos viver no meio da multiplicidade das nossas actividades quotidianas.

**Tempos de repouso**, em que temos que fazer parar o nosso cinema interior, as nossas preocupações de empreender e de organizar, para deixarmos que as pessoas e as coisas nos apareçam como realmente são e refazermos com elas a «aliança» esquecida ou traída...

**Tempos de criação**, onde, por trás dos nossos discursos bem construídos, redescobrimos palavras simples, hesitantes, abertas como um poema — palavras que não temos consciência de ter guardado dentro de nós, mas que nos surpreendem em momentos de dor e de alegria, em momentos em que vencemos a dúvida, a desconfiança ou o nada...

**Tempos de nascimento e de morte**, porque somos forçados a deixar a segurança das nossas terras pantanosas e a enfrentar o vazio das nossas evidências, das nossas respostas, das nossas questões pré-fabricadas. Cada um de nós, crente ou descrente, tende a proteger-se curvando-se sobre si mesmo, para evitar a partida...

É quando temos a coragem de nos pormos a caminho, para lugar onde brota o porquê das coisas da vida, que qualquer coisa começa, não só para nós, mas para todos os homens e mulheres que passam por esse lugar de trânsito. A nossa palavra torna-se então mais humilde e compromete-nos.

Yves Gernigon  
in «Études»  
Fev. 1977

## NOVAS URGÊNCIAS

*Com o Evangelho de Jesus Cristo surgem na história humana novas urgências, fonte de apelo e de experiência permanentes:*

*É urgente reconhecermos Deus naquilo que Ele é, e considerá-lo decisivo na esperança dos homens;*

*É urgente referirmo-nos a Jesus Cristo de forma absoluta, e darmos graças pelo que se passou na Páscoa e no Pentecostes;*

*É urgente amarmo-nos, é urgente perdoarmo-nos, é urgente partilharmos as nossas vidas e tornarmos-nos irmãos duma maneira nova;*

*É urgente que todos os homens sejam reconhecidos, principalmente os mais pobres;*

*é urgente que todos tenham a coragem de existir e que todos encontrem um sentido para a vida;*

*é urgente desfatalizarmos a existência humana;*

*é urgente fazer crescer em toda a parte a qualidade da vida;*

*é urgente que todos experimentem a alegria de realizar a sério a sua vocação de homens.*

P. Liégé  
Conferência ao Graal,  
Julho 1976

Publicação mensal. Assinatura anual: 100\$00; número avulso: 10\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Al. S.º António dos Capuchos, 4, 5.º, Lisboa. Composição e impressão: Silvas — Coop. de Trab. Gráficos, scarl.